



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato de Pôrto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tlp. da Casa Nun'Alvaros—R. Santa Catarina, 628—Pôrto
Visado pela Comissão de Censura

Relatório da "Obra da Rua"

Quem somos. A Obra da Rua é a reconquista dum mundo desecristianizado. Revelação do poder do Evangelho. Enterro de formulas de assistencia absoletas. Palavra nova que a todos seduz.

Nasceu no ano de 1940 nas ruas de Coimbra e logo apostou em se dedicar a creança fora da lei.

O primeiro passo, foi adquirir por compra uma pequenina quinta a 30 kilometros daquela cidade, e instalar ali, em familia, os filhos de ninguem. Volvidos meses, verificou-se ser muito pequenina a casa para o grande numero de creanças que nos vinham bater à porta, forçando-nos, por isso mesmo, a fazer mais e depressa. Há males tamanhos que só os grandes remédios curam. O mal da creança que estende a mão, é o maior dos nossos tempos. O maior, por consentirmos que um inocente nos peça aquilo a que tem direito. O maior, por se tratar de pequeninos redimidos por Cristo, e aqui é que está.

Pensou-se noutra quinta. Um pequenino chegado a Miranda e a quem se disse que tinha de ir embora por falta de lugar, fez o rasilho. *Não me mande embora; arrange casas para nós.* Nunca nenhum general falou com tanto império, nem foi tão prontamente obedecido! Soldado de Cristo que desejo ser, nunca mais tive paz! Procurei. Apareceu a quinta.

Hoje, no fim do ano de 1945, somos três comunidades formadas com o nome de Casas do Gaiato. A de Miranda do Côrvo com 45 rapazes. A de Paço-de-Sousa com 103 e a do Pôrto com 20. E temos ainda em Coimbra, debaixo da nossa bandeira, um Lar para os rapazes que saem dos Reformatórios do País, onde os preparamos para a vida. Eis quem somos.

Para onde vamos.

Caminhamos muito devagariuho, com passo muito firme, sabendo o terreno que pisamos e aonde queremos chegar. O nosso sistema de aproveitar o que a sociedade bota ao lixo, tem fundamento na própria natureza do homem. Mesmo que a experiencia nos não tivesse já demonstrado que demos no vinte, o Evangelho não pode enganar ninguem. Não vamos errados.

Aproveitamos o trabalho, as qualidades e os defeitos do vadio que nos procura. Damos-lhe o lugar que lhe pertence, o amor que éle anseia, os cuidados que merece. Não temos para eles segredos nem distancias. São filhos. São da casa.

Vamos pelo caminho da confiança. A que depositamos neles, é precisamente a que eles depositam em nós. O rapaz assim tratado, é capaz de grandes coisas. O muito vigiar, é, ordinariamente, escola de fazer hipocritas. Não salvamos muitos, mas a todos oferecemos os meios de o fazerem. Eis aqui o valor da Obra.

Seguimos à risca a nossa divisa de Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, e fazemos juristas, médicos, professores, sacerdotes, mestres de officina, feitores, economos, cozinheiros—tudo prata da casa. Só daqui a anos, evidentemente, mas o pensamento está. A tendencia é esta. Eram das montureiras!

O rapaz nado e creado na rua, é de uma acuidade verdadeiramente espantosa. Eles vão a toda a parte, aviar os mais dificeis recados, e chegam a estoirar de contentes: *Fixe!*

Vão vender «O Gaiato» aos quatro ventos do País, e regressam da mesma sorte.

—Então.

—Não houve azar!

Tirante um que nos fugiu com o produto da venda do jornal, até à data, ainda não tivemos de nos arrepender de mandar o rapaz. Até a Lisboa, já foi um de 14 anos, aviar recados!

Também fugimos ao aglomerado do casarão e fomos para o sistema «casa de familia», como se pode vêr na aldeia dos rapazes, onde começamos a viver em cheio, no primeiro de Janeiro de 1946. Cada casa-familia tem o seu chefe, os seus brinquedos, as suas coisas, a sua vida. Muitos que sejam os rapazes, são familias, as quais se distinguem no campo, nas officinas, na escola, à mesa, na capela, por toda a parte.

A camaradagem é uma benção das nossas casas. O Sérgio, leva os mais pequeninos no fundo do cesto, ao ir para o campo. O Lourenço, lava-lhes os

**Quem somos
Para onde vamos
O que queremos**

pés e deita-os na cama. O Zé Maria, faz de mãe. Se os cozinheiros às vezes rapam da cana, não é por mal; é o serviço!

Aqui vai uma carta do Julio, da casa do Porto, para o Rio Tinto, um dos chefes de Paço de Sousa:

«Quando vierem os quatro rapazes que vêm jogar aqui, onde estás incluído tu, quero que tu tragas uma grande quantidade de musgo, e um pinheiro, pequenino, que é para a arvore do natal, mas isto sem falta.

Se vierem sábado, é que era bom, vinha sábado e nós de noite fazíamos o presépio, mas se vierem domingo, já calha um bocadinho mal. Por aí vai tudo bem? é o que eu desejo». Um abraço para o S r P.º Américo, outro ao meu irmão e outro para a malta e tu recebe também um abraço deste teu velho amigo.»

Há-de haver notas discordantes nas nossas comunidades. E' impossivel que as não haja, a seu tempo. E' ainda a doutrina da natureza das coisas que nos diz que sim. Quando esses tempos chegarem, tomam-se por provações, que não por desenganos.

O que queremos.

Queremos que o mundo nos dê a mão e que não tenha medo dos que foram ontem pequeninos vadios da rua. As amostras, são consoladoras. A laboriosa cidade do Porto, onde temos o nosso Lar, tem recebido muito bem no Comercio e na Industria, os

candidatos que apresentamos. Mais. Se hoje tivéssemos trez dezenas de rapazes prontos a pisar a rua, tínhamos outros tantos lugares para eles, a tal ponto nos ama a cidade! O «Lar do Gaiato», não pode comportar mais de uns trinta rapazes. Por agora, é suficiente, mas dentro em pouco, não. Não perdemos nunca a ocasião de procurar casa adequada aos nossos projectos. O Pôrto há-de vêr com os seus olhos, como é possivel haver uma comunidade de dezenas de trabalhadores em familia, sob a mão benigna de um irmão mais velho. A experiencia está feita em Coimbra, com o Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios. Vivem ali em comunidade até fazerem o seu ninbo.

A questão dos salários minimos é outro tanto a nosso favor. Queremos uma sociedade que compreenda o valor do trabalho e que não explore o Menor.

Outra nota que muito nos alegra, é a dos Bairros de Casas Económicas. Um dos nossos do Lar de Coimbra, já teve oportunidade de requerer uma dessas casas. Não lhe foi concedida por enquanto, mas teve matéria para o requerimento e entidade a quem o dirigir. Será atendido brevemente.

Seja como for, foi-se embora o medo que eu tinha, de que estes meus filhos tivessem de regressar à desgraça do pardiêro. Teria eu de construir um Bairro para os seus ninhos futuros, se não visse o bom caminho que estamos seguindo, nas linhas dos que governam a Nação. Isto é o que nós queremos.

Mais. Dos Poderes da Justiça desejaríamos um titulo para solicitar nos Aljubes, sumariamente, o pequeno vadio que ali espera ordens. Uma creança no cárcere! Outrossim, o poder de livrar das mãos dos Pais os nossos rapazes já feitos, quando estes os querem levar.

Mais ainda. Dos Poderes da Guerra, também desejaríamos uma consideração especial, sobre a tendencia da nossa Obra, qual é o de serem os proprios rapazes a conduzir os rapazes. Ora se a Lei nos vem buscar os rapazes ao mesmo tempo, quem há-de governar a Aldeia? Novos tempos, novas leis!

Mas sobretudo o que nós queremos é conduzir esta sorte de rapazes para o nosso Império Colonial. Isto sim; é o que nós verdadeiramente queremos. Todos os sacrificios que se hajam de fazer, são levados à conta de nada, ao medir e compreender a profundidade da Obra: transformar agora em nervo do Império, o que aerá mais tarde a desgraça da Nação. De onde saem os alcoólicos, os vadios, os ladrões, os assassinos? De onde, senão da massa das ruas? Desta massa.

* * *

Quanto aos algarismos, que costumam ser a coisa mais seria dos relatórios, não nos interessam. Nós assentamos as despesas, mas não fazemos contas. Eu tenho que sempre que esteja em risco a vida de uma creança, os algarismos não podem ser considerados. Tanto valor tem a vida, que é matéria expressa do quinto mandamento! Chegou-nos há dias de certa comarca um processo de 25 páginas, na ultima das quais se dizia não haver verba para subsidiar a creança, nem casa que a recebesse. O Magistrado, apelava para nós, condoido, e nós dissemos que sim. Com cinco anos de idade, muito triste, à nossa pergunta sobre tamanha tristesa, a resposta era: *Doi-me a barriga.* Agora já não. Ora ele é bem

Outra vez muita atenção

O nosso calice está pronto na Ourivesaria David Ferreira, rua das Flores.

Cada um pode ir vêr com os seus próprios olhos como ainda hoje se acerta em escolher o que há de mais precioso para o culto de Deus.

Mais se diz que o jornal de 23 será vendido no Porto nesse mesmo dia de sábado. Porém não o será, no domingo, dia 24, tanto no Porto como em Braga, visto todos os vendedores estarem nesse dia em Paço de Sousa.

Os habituais compradores de domingo poderão adquirir o jornal no dia 31. Os rapazes voltarão a vender nesse dia.

Comunicação

Um Sacerdote desejou oferecer as Hostias para a Comunhão Geral no dia da bênção da capela. A fórmula da oferta é assim: *Se não tem ainda quem ofereça pode fazer-me a estola de us oferecer eu?*

Estas coisas não são de comentar. Certo que se lidássemos com algarismos, não se teríamos lugar para esta creança abandonada.

Contudo, para que o mundo fique a fazer ideia do volume da nossa obra, damos alguns esclarecimentos do que se gastou no ano findo.

Os livros da Casa de Miranda, mostram a despesa total de cento e cinquenta e um contos, na qual está incluída a manutenção de 50 indivíduos, a compra de um campo de cultura, a exploração e condução de águas, obras e reparos da Casa e finalmente a instalação e o sustento das Colónias de Campo do Garoto da Rua, em o pitoresco Santuário de Tabuas, por onde passaram muitas dezenas de rapazes das ruas, desde Julho a fins de Setembro. Mais barato, cuidado que ninguém faz!

Vem agora a Casa de Paço-de-Sousa com mil cento e quarenta contos. Aqui é mais sério. É necessário mais rasgo e menos medo ao dinheiro. Um bocadinho de hesitação e tudo estaria perdido. Vestiu-se, calçou-se e manteve-se durante o ano a média de 85 rapazes.

Dau-se trabalho a 120 operários nas obras da Aldeia, diariamente. Pagaram-se todas as ordens. Ajudamos muitas famílias pobres a pagar rendas de casa e a dar pão a seus filhos. E chegamos ao fim do ano com as tulpas cheias, os potes cheios e a salgadeira a mais não! E se tivéssemos feito contos? Não tinhamos feito nada!

Houve conselheiros que me avisavam a suspender e a diminuir as obras no inverno: são os dias mais pequenos. Os operários trabalham menos. *Ninguém faz trabalho de inverno: Oh! tardos do coração!*

Que há de comer esta gente? E assim como as caixas, os potes e as salgadeiras, também o cofre! Casa-forte, por ser o depósito dos Pobres.

Vem, por ultimo, a vez do Lar das Casas do Gaiato, instalado na Rua D. João IV, do Porto. O nosso livro acusa a despesa de 50 contos durante o ano e mais 27 com despesas de instalações.

Pagamos renda de mil e duzentos escudos por mês à Santa Casa. Nestas águas, barqueiro paga a barqueiro; infelizmente! A população foi de uns vinte rapazes durante o ano.

Eis o relato da nossa vida durante o ano findo. Para mais informações—ir vêr.

De como foi a venda do importantissimo periodico

Foi boa. O Amandio estreitou-se. Vendeu 173 jornais e entregou de acréscimos 96\$50. Muito bem. O Zé da Lenha, baixou um bocadinho; 120 numerados e 30\$40 a mais. Julio nunca desmerece. Apesar de somente vender no Domingo, por não ter semana inglesa, vai na vanguarda; 125 jornais e 33\$10 de sobras.

A cidade de Braga está em casa todas as 15 dias.

Venderam ali 300 e quê. O Amadeu informa que *aqueles senhores assim mais coiso, todos compram.*

De comer, não se fala! Há disputas de quem há-de receber os vendedores na quinzena seguinte! *Aquilo é que era mal!* Disse o Elvas, ao contar de como fôra recebido em casa dos Senhores. O Oscar, por sua vez, enumera as vendas em casa de outros Senhores: *foi tal, e tal—e doces num cartuxo, pra merenda, mas a gente comeu os antes da hora!*

Os dois azes da venda, continuam renhidos. No sabado de amanhã, o Oscar ia à frente do Amadeu por dez numeros chegando, até, a gabar-se que a camisola amarela ia passar para ele. Porém, na venda da tarde, o Amadeu lançou-se e retomou a sua categoria. Os resultados foram deram 400 jornais ao Amadeu e 391 ao Oscar!

A malta, entusiasmada, quer chamar ao campeão o Piroteu da venda, mas o Zé Eduardo fez barulho e disse que o Pinga é que ele há-de ser. *O Pinga sim. Deixai-o sarar e nós haveis de vêr como é as manda quentes!* O Zé Eduardo, o Porto, é do Porto cem por cento. Eu quiz saber quem era o Pinga e há explicou tudo. *Orde ele vai e lê sempre porr...*

—Que, rapaz?

—Há sempre pancada! Ele há palavras que ficam tão bem a certos garotos, que até dá pena corrigi-los!

E também queria falar do Barrigana, mas eu tinha muito que fazer. Já nos degraus da escada, volta-se: *olhe; a bola que nos deram já andou nas mãos dele.*

UM EPISÓDIO

Ontem à tardinha apareceu aqui uma mulher com um cesto à cabeça. Trazia um rosto crucificado.

—*Eu sou de muito longe, senhor: O homem da camionete não parou e deixou-me ficar na estrada com este peixe, que era para vender em Paiva.*

Alguns dos nossos rapazes param, a escutam. A peixeira, sem pousar o cesto, continua muito aflita:

—*Olhe que é Castelo de Paiva, ouviu? Vocemecê sabe onde é? É muito longe, pra trás daqueles montes!*

Preguntei o preço. Mandei entrar. O Carlos foi buscar a balança.

—*Ao menos um quilinho, meu senhor!*

A candajosa coloca a primeira escada no prato da balança, e olhou para os meus olhos. Coloca a segunda e torna a olhar. Faz o mesmo à terceira. Já não olha mais. Vai ruminando coisas interiores, enquanto age. De repente irrompe, transfigurada:

Um caso

Era uma vez um senhor que se encontrava em Espanha, de passeio e achou-se mal no hotel. A noite ia alta. Toma de sobre a mesa o auscultador e avisa o porteiro que vá por um médico, já. *«Não me incomode a estas horas!»* E desliga bruscamente.

O Senhor, que é um cristão às direitas, pousa o aparelho e considera que teria sido, talvez, um bocadinho preceptado. O caso não era tão grave que fôsse necessário perturbar ninguém.

Esperou o dia. Quem sabe se o porteiro não será uma das inúmeras victimas de injustiças sociais, disse o Senhor com os seus botões; daí o natural azedume da resposta: *«Não me incomode».*

Num quarto recamado de conforto, seria o lugar próprio de pedir sacrificios, a quem vive já, possivelmente, sacrificado?! Assim pensava este senhor da Nova Lei.

Pede ao porteiro que suba e começa por lhe pedir desculpa de o haver importunado tão a deshoras. Oh! palavra cristã, balsamo de feridas das almas! Quebrou-se o azedume do revoltado. Ele desabafa com o Senhor. *Tinha sido e era ainda na verdade, uma victima da força dos grandes, com letra minúscula. Grande, verdadeiramente, é mas é o que se humilha. Só a Humildade conquista.*

O Senhor demorou-se umas semanas no hotel. No fim, quiz dar-lhe uma pancadaria de pesetas. *«Nunca, meu senhor!»* E não aceitou. Não é de dinheiro que as almas precizam; é de justiça.

Oh! Ninguém perca a esperança. Eu subi a encosta, a falar com Deus!

Deu-se-lhe uma arregaçada de pão; daquele pão que falta no mundo por não haver quem reparta!

Oh! meu senhor, que lhe hei-de eu dizer!

Foi assim que se despediu aquela progoeira do Evangelho, que me fez tão bem à alma, precisamente porque não disse nada de si.

Ninguém perca a esperança, não é palavra dela. É do Mestre:

Vindê ter comigo, aflitos, angustiados, e haveis de encontrar alívio.

Que lhe hei-de eu dizer, disse-me confundida, a vendedeira de peixe, por ter feito negócio e vêr o reago cheio de pão!

E que podia eu dizer a ela, que em troca me deu certeza, por palavras suas, das promessas do Senhor?

Pois que estas promessas foram usadas, a Escritura para nos erudição, aprende tu, ó sábio da mulher calejada, a lição de confiança—e não desesperes.

CARTA DA

OBRA DO ARDINA

Lisboa, Calçada da Glória, 39

«O ardina é exemplo da ordem, de disciplina, e até... de heroísmo!»

Pronto! Chegamos atrasados, por isso não leste notícias da «Obra do Ardina» na vez passada, com grande pena nossa.

E os nossos apêlos nas colunas do «Gaiato» são ouvidos até no Céu, ao que nos parece.

Há um mês e tal falamos-te do Felisberto que tinha o sonho de «aprender inglês para ir a Inglaterra um dia...»

Pois, parte do sonho, já é realidade. Uma rapariga inglesa pôs ao serviço da «Obra do Ardina» toda a sua generosidade e caridade para ensinar o Felisberto, e a Direcção dessas lições na enfermaria e, há dias recebemos uma carta delirante do nosso doentinho: *«Estou tão contente de já saber algumas palavras de inglês! Em inglês pé é foot, bola é ball, e nós dizemos foot-ball. Que engraçado! Mandamos por um colega a gramática inglesa por favor»* (ficara na... «Obra do Ardina!...») E se, leitor amigo, tu ouvires falar do Felisberto ao pessoal da enfermaria, ficavas comovido e edificado, como nós ficamos.

—*«Dá menos trabalho do que os homens. Tudo está bem para ele. E, depois, a disciplina!... Nunca temos nada que lhe dizer...»*

E, depois, a disciplina!... Aquela frase ficou a martelar-nos docemente o ouvido, para não dizer, o coração.

Ao que pode chegar um ardina, graças a Deus! A ser um exemplo de ordem, de disciplina, e até de... heroísmo.

O Felisberto sabe que vai ser operado porque... tem intestinos a mais» (diagnóstico ardina, tirado dum diagnóstico médico bastante sério).

E se visses a boa disposição dele: —*«Tomara fazer já a operação, para voltar para a minha casa»* e poder voltar a ajudar a minha mãe». Tem 12 anos apenas e nunca lhe ouviram um queixume, uma impaciência na enfermaria. Sente-se feliz a aprender línguas, a conversar com os outros doentes. —*«Há um que é muito Portuense e conta-me coisas do Porto», explicou-nos há dias.*

A propaganda da «Obra do Ardina» ficou feita naquê hospital, como já ficara noutro pelo Júlio Paiva, há meses.

Que nos resta dizer? Fala com o ardina e dá-nos tudo o que ele merece e vale, sim?...

MARIA LUISA

P. S.—Pede-nos uma amiga da Obra do Ardina que digamos aqui se nos chegaram às mãos em princípios de Fevereiro —50\$00 e 3 camisolas. Fomos ao livro de registo de generosidades» e lá consta a entrada em 8 de Fevereiro, com a indicação de «um casal amigo». Bem-hajam!!

Se queremos camas ou divãs? Queremos tudo quanto nos quiserem dar. Costumamos conceder presentes — prémios por ocasião do Natal e Páscoa aos nossos rapazes, e quem dera termos muitas camas e muitos divãs para lhes darmos e eles poderem dormir bem em casa das famílias. Quem dera muitas amigas da Obra do Ardina assim muito... amigos e generosos!... Quem o Senhor lhe pague o que lhe devemos!

Assi

O no Banc
conta, e
o jornal
Muito b
livrei-me
assinante
que jam
ter pago
outro
mercado
temos vi
tinuar a
aqui pul

António
Mota Al
mes Fe
20\$; Jo
das Nev
Albina
Armando
Rocha E
Lídio F
Cândido
nio Ferr
Costa, F
50\$; Lu
Eduardo
30\$; Ma
50\$; Lu
Almeida
50\$; Jú
20\$; An
Pereira
teiro, 40
Claudio
Adolfo
Dr. Albe
Alfredo
Pinto d
mento,
ros, 40\$
Carlos
Maria d
20\$; Jo
Silva, 3
Carvalh
Maria
20\$; Al
dos Sa
reiros (4
Forte,
nuel Fo
tro Sal
seca, 2
50\$; Ca
Silva J
100\$; N
20\$; H
Renato
Barbosa
Vilas, 3
dre de
Pais Vi
Anto
Chaves
de Alb
Lucena
20\$; Dr
Lúcia
H. Nun
e 46), 5
Alfredo
José d
José d
nanda
Carvalh
50\$; Jo
João E
Empreg
Dr. Ant
50\$; D
Beatriz
calves
Vilar,
Campo
70\$; M
50\$; E
Sara C
Fonsec
de Rai
Doente
Luzia
Setúba
Gramac
Oliveir
Correir
Oliveir
deira.
—Para
Costa-
de Vas
Carlos
20\$; C
Vitória
Manue
de Ga
M. e
Torrão
Ferraz
Cunha
Santos
20\$—t

Assinaturas pagas

O nosso assinante 1342 depositou no Banco um conto de reis, na nossa conta, e mandou dizer que tinha pago o jornal por dez anos! Sim senhor. Muito bem. Livrou-se, de mim e eu livre-me dele. Oxalá este admirável assinante continue a ser bem servido, e que jamais haja de se arrepender de ter pago adiantado. A não ser um ou outro mais arrastadinho, todos tem mercado presença, como se vê nesta e temos visto noutras e havemos de continuar a ver nas relações dos nomes aqui publicados.

- António Morais, 20\$; Maria da Glória Mota Alves (2 meses), 10\$; Virgínia Gomes Ferreira, 200\$; Joaquim Landeiro, 20\$; José Maria Pacheco, 25\$; António das Neves Graça Júnior, 100\$; Conceição Albina Martins, 25\$; Maria Rêgo, 20\$; Armando Ferreira, 25\$; Dr. Alfredo da Rocha Barata, 100\$; Maria Fonseca, 20\$; Lídio Félix Dantas e Melo, 25\$; Cassiano Cândido Leal, 25\$; A. Costa, 50\$; António Ferreira Fernandes, 20\$; Dr. Alberto Costa, 50\$; Maria Henriques Osvaldo, 50\$; Luciano da Costa Simões, 20\$; Eduardo Oliveira, 50\$; Beatriz Ferreira, 30\$; Maria Elvira de Freitas Pacheco, 50\$; Luís Guedes, 30\$; Ema Augusta de Almeida, 25\$; Daniel Guedes Barbosa, 50\$; Júlio Torres, 50\$; Artur Martinez, 20\$; António Coelho e Filho, 20\$; José Pereira Monteiro, 20\$; José Maria Monteiro, 40\$; Alfredo Júlio de Oliveira, 40\$; Claudio António Monteiro, 40\$; Menino Adolfo António Alves de Oliveira, 50\$; Dr. Alberto Carlos Correia da Silva, 50\$; Alfredo Oscar de Magalhães, 50\$; Ana Pinto da Silva, 20\$; José Eduardo Nascimento, 100\$; Hecriette Dongrie de Barros, 40\$; Major Rêgo Monteiro, 50\$; Carlos Ferreira da Silva, 20\$; Manuel Maria de Sousa, 20\$; Alvaro de Almeida, 20\$; José Leite de Sousa, 100\$; Jasmim Silva, 300\$; Manni Gilbert, 100\$; José Carvalho, 20\$; Luis Pereira da Silva, 20\$; Maria Alice Gomes, 20\$; João Ribeiro, 20\$; Alcina de Jesus, 20\$; Maria Emília dos Santos, 50\$; Eng.º Guilherme Barreiros (45 e 46), 100\$; Manuel Fernandes Forte, 50\$; Manuel Moreira Fernandes Forte, 50\$; Luísa de Almeida, 50\$; Manuel Fonseca, 100\$; José Maria de Castro Salazar, 20\$; Elisa Amélia da Fonseca, 20\$; Manuel Augusto Marques, 50\$; Carlos Pereira, 30\$; João Leite da Silva Júnior, 30\$; Gabriel de Oliveira, 100\$; Nuno Berrance Correia de Abreu, 20\$; Henrique Coelho da Rocha, 50\$; Renato Ferreira dos Santos, 50\$; Joaquim Barbosa, 50\$; António Ribeiro, 20\$; Aida Vilas, 30\$; Alfredo Stocker, 50\$; Alexandre de Almeida Santos, 100\$; Maria Júlia Pais Vieira Braga, 30\$. Todos do Porto.
- António Ferreira Menino, 50\$; Abílio Chaves de Pinho, 50\$; Dr. Mário Ferreira de Albuquerque, 60\$; Eng.º José de Lucena, 20\$; Helena B. Nizza da Silva, 20\$; Dr. Júlio V. Oliveira, 100\$; Maria Lucília Leosir de C. Branco, 125\$; Maria H. Nunes, 20\$; Baronesa de Almeirim (45 e 46), 50\$; Etelvina de Liz e Cunha, 50\$; Alfredo de Mendonça David, 50\$; Dr. José de Paiva Boléo, 200\$; Francisco José de Sá Pereira, 33\$30; Maria Fernanda de Sá Pereira, 33\$30; Rosa de Carvalho Pereira, 50\$; Manuel Rocha, 50\$; Joaquim Ogando dos Santos, 25\$; João Belchior de Castro Viegas, 25\$; Empregados da Secção de Registo, 30\$; Dr. António Domingos da Silva (44 e 45), 50\$; Dr. Francisco de Assis Brito, 50\$; Beatriz Viveiros Pereira, 20\$; José Gonçalves Chorão de Carvalho, 80\$; Madame Vilar, 100\$; Eng.º Artur de Noronha Campos, 20\$; Dr. Ariosto Gama Lança, 70\$; Maria Guilhermina Laroche Semedo, 50\$; Eng.º Herculano de Carvalho, 30\$; Sara Calisto, 20\$; Dr. Joaquim Dinis da Fonseca, 50\$—todos de Lisboa. Pierre de Raimond, 50\$; Guy de Raimond, 50\$; Doentes da Sala 15 do S. Outão, 25\$; Luzia Neves Pernão, 50\$—todos de Setúbal. Alfredo Freire Garcia Lobo—Gramação, 200\$; Benjamim António de Oliveira Valente, 100\$; José da Silva Correia, 30\$; Luís Francisco Valente de Oliveira, 50\$—todos de S. João da Madeira. Bernardo Rodrigues de Carvalho—Parada do Bispo, 50\$; Adelino Dias Costa—Avanca, 30\$; Francisco Moreira de Vasconcelos—Santo Tirso, 40\$; Jorge Carlos Falcão de Azevedo—Santo Tirso, 20\$; Casimiro Rodrigues, 30\$; Augusta Vitória Cerdeira, 20\$; António, José e Manuel Machado, 50\$—todos de Vila N. de Gaia. Maria Amite da Conceição M. e Silva—Vila do Conde, 25\$; Ana Torrão Santos Andrade, 50\$; Manuel Ferraz de Carvalho, 20\$; Fernando da Cunha Rocha, 100\$; Justina Ferreira dos Santos, 30\$; Maria Teresa Barroso Lagos, 20\$—todos de Coimbra.

Noticias da Casa de Miranda

Por Carlos Alberto Fontes

ATÉ que enfim, sempre vieram as nozes. O carimbo era da Lapa, com certeza foi uma senhora inglesa que já aqui esteve, que as mandou. Muito obrigado. Também nos deram dois alqueires de milho. Agradecemos bastante aos dois benfeitores. Já não tinhamos nenhum e por isso em vez das papas temos de comprar leite que fica a quinhentos mil reis por mês. A ti Júlia também nos deu um cabrito: E' para o carnaval.

NO domingo passado fomos inaugurar o nosso moinho. O Sérgio abriu a água da piscina. A' primeira volta os foguetes estalaram. Foi uma alegria quando vimos a roda com bastante andamento. Falta vir o moleiro a afinar a pedra. Agora esperamos que nos dêem a licença para ele moer, já que também deram licença para abrir mais uma taberna em Miranda que faz a conta de vinte e nove.

OBuxa tem ido sempre à Lousã. Um senhor pagou-lhe um copo de leite. Quando cá chegou disse ao senhor P.º Adriano que tinha pagado uma chicara nos cafeses.

ESTIVERAM cá os engenheiros das escolas. Perguntaram logo

pelas nozes. Ficaram admirados com a nossa escola: disseram que tinha quatro metros quadrados. Isso é que era bom se eles fizessem uma nas condições como o Senhor P.º Américo pediu.

OAfonso usa um barrete branco na cabeça por causa da tinha. Nós chamamos-lhe o *monarca* por ter o mesmo nome e capacete que o *Fundador*.

OTito está na cama com *bacharelho*. O Joaquina é que o trata. Quando lhe perguntamos o que tinha ele, disse que tinha a crista cortada.

OSérgio e os outros batoteiros da bola, ficaram com inveja por terem dado uma equipe para Paço-de-Sousa. Nós temos de contentar-nos com a bola, e é um pau a não ser que...

NASCEU mais um cabrito para a conta. O Barrigana quando os outros vão com as ovelhas não o deixa levar, quando ele vai com elas leva-o ao colo com muito jeito e a fazer-lhe festas. Há dias quando foi a levar as ovelhas a pastar encontrou o carro com os sacos de feijão. Agarrou no chibito ao ombro e foi pô-lo no carro, e ajudar também!

COM muita gratidão pelo auxílio que nos trouxeram registamos mais estes donativos do mês de Fevereiro:

100\$ de visitantes; 50\$ do Porto para os nossos doentes protegidos. Uma caixa de excelente fruta seca, do Douro.

20\$ para os pobresinhos. Visitamos um deles e fomos encontrar ao lado, num curral, um pequenito abandonado. A mãe dele tinha sido presa por ter roubado uma galinha para não morrer de fome.

20\$ de Matosinhos; 20\$ do Ze Triste para outros pobres, que continuam em grande necessidade.

20\$ na Gráfica e 10\$ no Castelo 500\$ em Miranda, retorno de contas de madeiras.

25\$ de Coimbra e no Banco 100\$. Um sobretudo e roupas usadas na Gráfica.

20\$ em carta para a pobrezita tuberculosa, que tem recebido muitas provas de simpatia.

10\$ ao fundo da nossa quinta, à um gaiato para a conferência dele dum senhor que por ali passara de moto.

Finalmente alguns centos, dos nossos subscritores que se vão explicando.

.....

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Não se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro. Onde se nas Livrarias do País.

Cantinho dos rapazes

Meus filhos de Miranda, de Coimbra, do Porto e de Paço-de-Sousa; vamos hoje falar de uma coisa que aconteceu em uma das nossas casas, não importa saber em qual, nem os nomes de quem cometeu a acção. Foi assim:

Dois pequenos andavam a brincar e daí a pouco, vieram entregar uma certa quantia de dinheiro, declarando que o tinham achado. Não foi assim. A verdade toda é que o dinheiro tinha sido mas é roubado das nossas gavetas e vai daí, o rapaz que o fez, teve remorsos na consciencia e inventou aquela maneira de restituir o seu a seu dono. Fez bem em restituir. Melhor fizera se não tivesse roubado.

O fulano que cometeu a acção de entregar o dinheiro, deve sentir-se muito contente e tem obrigação de falar ao nosso Bom Deus a dizer muito obrigado, por lhe ter ascendido na alma um tão bom desejo.

Fazei todos assim. Quem não tiver forças para resistir à tentação do furto, peça a Deus a coragem de o restituir ao seu dono, e isto quanto antes. Não é preciso que a coisa roubada seja entregue ao seu dono cara-a-cara. Não é. Ninguém é obrigado a difamar-se. O que é obrigado é que o dono receba o próprio ou o seu valor, não importa de que maneira.

Para quem for capaz de meditar e reflectir nas coisas da vida, não há trabalhos mais estupidos do que aqueles que se passam, quando se rouba. Porquê? Porque naquela mesma hora em que se furta, nessa mesma se contrai a obrigação de restituir.

Algun de vós seria capaz de meter no bolso das calças uma braza acesa e andar com ela? Não. Pois bem. Assim acontece com os furtos, quando a gente tem uma consciencia conforme a vontade de Deus. Queima-se no objecto roubado. Vai logo fazer entrega ao dono.

Muitos há aqui que recebem cartas dos seus pais, hoje nas prisões de Lisboa, do Porto e de Coimbra, a contar aos filhos os trabalhos que lá passam. E' que não tiveram em pequeninos o abrigo que vós hoje tendes. Pois bem. Temos aqui a nossa capela à mão de semear e nela, está Jesus. Ele se chama por ti. Ele é o Amigo das creanças. Ele livra-te, se tu quiseres, dos trabalhos das prisões. Daqueles em que teu pai fala nas cartas.

Atenção

muita Atenção

Continua a ser no dia 24 de Março, um Domingo, a festa magna da nossa «Aldeia»: — Benção solene da capela. Em um santuário de almas, como se chama e verdadeiramente é a nossa obra, não podia de maneira nenhuma faltar a Pedra do Sacrificio, escola de homens de bem. Que ninguém falte, ninguém! O precioso friso de madeira que há-de revestir as paredes interiores, não está completo; nem os bancos estacados. E' que nós pretendemos que tudo isto seja obra dos rapazes, em nossas oficinas.

No supedânio, à beirinha do altar e lado do Evangelho, estará o tal cêsto de vime com sua tampa discreta, para que ninguém veja... E' o gazofilacio do templo. Está lá o Mestre. Cautela! Se ali te recordares que andas de mal com o teu visinho, não des a esmola sem primeiramente te pores de bem. Só depois é que o Pai Celeste aceita. Nós não queremos quantidade, queremos qualidade.

Nem tão pouco caias na vulgaridade de pôr condições. Tudo quanto se faz por amor de Deus não se faz por contrato. Da-te. Dai. Eis a formula. Queres escutar? Quando pedi a capela falei em 200 contos. A pessoa deixou-me dizer tudo quanto eu quize, e só depois é que falou. Muito obrigado por se ter lembrado do meu nome!

Oh santa inquietação de distribuir!

Que cada um dosromeiros do vinte e quatro de Março traga dentro do peito esta divina inquietação. Ele há uma outra inquietação nas almas; a do acumular. Mas essa traz a morte!

Arrumadinho à capela, verás o sitio das escolas. A enfermaria, essa já fala. Nunca, nunca, nunca se viu em Portugal formula tão completa de habilitar para a vida, os que até hoje se têm considerado sem direitos a ela. Nunca por nunca ser! O que já está feito é garantido.

O tal cestinho de vime colocado no altar do lado do Evangelho, vai ser testemunha da tua compreensão. E' necessário que no sitio das escolas, se levante o edificio das escolas, — agora. São trezentos contos.

Não troques por um picnic na mata, a romagem piedosa a um santuário de almas.

ISTO É A CASA DO GAIATO

ONTEM houve um grande barulho nas mesas do fundo, no refeitório, à hora de comer. Assustei-me, e pedi ao P.º Fatela que fosse ver. Foi, mas o Rio-Tinto já lá estava, a botar água na fervura. Amadeu Elvas servia-nos, fleugmático como um inglês.

—Elvas, que é aquilo?

—E' batatas!

Os grandes sarilhos do mundo, são sempre determinados por batatas, ou seus equivalentes.

Zé Eduardo e Amandio, trocaram as pastas. Aquele passou ao refeitório e este aos quartos. Zé Eduardo tem necessidade de ser duramente provado, antes de ser confiado a uma obrigação no Porto. No domingo passado, à mesma hora, despachamos dois rapazes com recados. O António do Bairro foi o Galegos, 4 quilómetros. Zé Eduardo foi convidar um Pobre o de Bairros, 1 quilómetro. Pois bem António gastou menos de uma hora. Zé Eduardo, duas horas e meia! Pois Zé Eduardo não sai daqui enquanto fôr o cabeça no ar que os mois lhe chamam.

O Miguel de Coimbra quebrou um alguidar. A gente faz grandes ameaças quando algum parte alguma coisa, a ver se eles não dão cabo de tudo. Foi assim com o alguidar. O Miguel tais coisas ouviu, que se almoçava com roupas, a prevenir... Vieram-mo trazer pela mão. Elvas começa a sacar: uma camisola, uma camisa, uma toalha e seis guardanapos!

O Norberto segundo, é aquele garoto de Gaia, que fugiu de nossa casa e regressou pela mão de uma tia que tem. Desde então tem andado e continua inquieto. Depois disso, já fugiu por mais duas vezes, mas não tem chegado ao Porto e regressa indeciso, cruciado. Vem ter comigo, a desabafar. Ele tem uns 10 anos, cheios de perspicácia. Não frequentou escola. E' da rua. Nota-se-lhe a relutância ao trabalho e um não sei quê de amor à Casa, daí a sua indecisão.

Eu agora se fôr é para ser de vez. Assim me confessou ele. Vamos a ver se o Norberto segundo cumpre. Da ultima vez que fugiu, veio-me comunicar: Vou fugir.

—Fugir não, meu filho. Vais-te mas é embora.

—Sim. Vou-me embora.

—Não merendas?

—Não. Vou-me embora!

Subi acima, à varanda da Casa-Mãe. Nem todas as vistas deste mirante são doces! O pequenino torturado, desceu a avenida sózinho, a escrever uma nova página da história da sua vida: Daí a horas, regressa.

Deu-se-lhe o Xanxaxé por vigia e o Zé Maria por mestre espiritual.

O Compadre-Chegadinho, acaba de iluminar mais uma página do nosso livro. São eles que o escrevem. Eles que fazem a Obra. E' por eles que tu choras. Por eles morreu O Amor!

O Chegadinho disse aos seus companheiros que se ia embora. Vestiu-se com roupa do Desemprego; nas mãos, um embrulho com mais roupa e assim se vem despedir. Era um Domingo, cinco da tarde. O comboio, passa em Cete às 6 e quê. Um dos chefes vem com ele, pronto a acompanhar o rapaz à estação.

Dialogamos. Tu não tens mãe, rapaz. Para quem vais tu?! Não tens casa. Não tens amigos. Não tens trabalho.

A súplica foi escutada. E' absolutamente impossível que a sinceridade das palavras não arranque decisões. O Chegadinho ficou.

O Pretita veio agora aqui ao meu quarto com uma queixa do Santa: Foi ele que disse ao Oscar que eu não trabalhei e ele agora não me dá merenda, mas eu cá trabalhei.

A galinha do Carlos tirou 11 pintainhos. A do Constantino está com 21 ovos. Este quiz mostrar: Olhe tantos. A seguir, o Constantino, que

jamaís vira destas coisas lindas nas ruas que antes pisara, diz baixinho: A gente bota ovos e tira pintainhos; que mistério! Este ponto de admiração devia ser a ferramenta dos bilogos. Eles deviam estudar a vida-dos seres, de joelhos como quem adora o Criador do Céu e da Terra. Assim fazem os santos, que são os únicos sábios.

COMPRAMOS uns metros de madeira vinda das nossas colónias. E' prós bancos da capela. Foi cortada em pranchas e posta a secar. Zé Eduardo quiz saber como são as florestas da Africa e tudo quanto se prende com a flora tropical. Tinha acabado a sua obrigação, agora refeiteiro, e sentou-se ao pé de mim, para escutar a lição. Tenho tanta pena de não saber nada! Gostaria de saber nomes, espécies, coisas, para dar conhecimentos ao Zé Eduardo. O rapaz esperava curioso. Foi então que me virei prós macacos: Olha, sabes. Os macacos andam por lá pendurados nos ramos daquelas grandes árvores. Um rór déles! E assim me safei da lição!

O Joaquim de S. Pedro da Raimonda (o Zulmiro dos caminhos: continua a merecer. E' pastor. O Rio Tinto já o reclamou para a turma dos do campo: tem bom corpo! Mas a verdade é que ele tem provado um bom pastor, e nós ligamos muita importância ao rebanho. Ele conhece as ovelhas. Chama a cada uma pelo seu nome; anda róla! E elas também o conhecem. Além do mais, tem-nas guardado das sementeiras com muita cautela. Temos tido outros pastores. Como este, nenhum. E' o Elvas das ovelhas. Mas... Não há bonita sém senão! O Joaquim costuma apanhar laranjas na mata. Metê-as na algibeira e faz negócio à mesa, por netos de borça. Por isso tivemos de o chamar a contas. Foi-lhe comunicado solenemente, que a sua acção não é bem um comércio negro, contudo é um caso ilícito.

—Olha; primeiramente, tu não tens ainda idade para negociar. Segundo, quando fizeres algum negócio há-de ser com coisas tuas. Compreendido? — Sim Senhor.

Isto foi à hora do jantar. A seguir, deu-se aviso ao Rio Tinto para ir colher 140 laranjas e a merenda desse dia foi laranjas.

O Sapo da Murtosa é o João Maria. Depois do Periquito, é ele o mais refilão da casa! Toma-se com todos. Não tem medo de ninguém. Não respeita idades nem posições. Os chefes arrumam-lhe e ele responde, a espu-mar: deixa que quando eu fôr grande...

Ontem, um grupo de adm radores do Amadeu Elvas, discutia a sua insofismável habilidade de vender jornais. Aclamavam-no. O Sapo aparece. Pergunta do que se trata. Disseram-lhe. Ai! o Lindinha; o Lindinha a vender muitos jornais! Amadeu, desesperado, ameaçou o João Maria e veio-me fazer queixa — olha; esmurra-o!

TEMOS agora três ninhadas de pintainhos. Dormem na despensa, em ninhos de palha, debaixo das asas das mães. Antes das boas-noites, cozinheiros e refeiteiros vão prós pé dos cestos falar aos filhos e às mães. Oh! que linda oração da noite, para estes rapazes que foram transviados! Uma galinha choca ensina mais esta juventude do que os tratados de mestres. A vida é que ensina a vida. No dia seguinte como o tempo tem sido de neve, o Constantino despeja no pavimento da cozinha, por detrás do fogão, as três famílias e deixa correr. Vale a pena vir de muito longe apreciar, — quem fôr capaz de apreciar! Há muita gente que não vê a beleza das coisas.

O Porto desvejou hoje uma terrina de sôpa em pleno refeitório! Foi sem querer.

DOIS dos nossos do Lar do Porto, foram ouvidos, julgados e condenados a rapar o cabelo. Ambos tinham cabeleiras famosas. Um tem 13 outro, 16 anos. Foram pelo seu pé ao

barbeiro, sentaram-se na cadeira e por um acto livre da vontade, deram instruções ao algôz! Aceitaram generosamente o castigo, reconheceram humildemente a culpa. Isto quer dizer que são e serão nossos amigos. Não são os castigos que revoltam. São mas é as injustiças.

TEMOS andado ocupados com a sementeira de batatas, em larga escala, nos terrenos ao redor das casas. Flores é que devia ser. Era mais bonito. Mas nem só de beleza vive o homem; também de batatas. A sementeira, fornece óptima ocupação para os nossos na idade dos seis anos; guardar as galinhas. Lá andam eles todo o dia, cada um em sua ponta e muitos nelas todas. Revi-vesceu a cantilena dos pardais:

«Eh ladrões

«Eh pimpões

«Comeis tudo

«O's patrões

—«Eh passarada!

Felizmente que não há chocalhos, senão, mal poderíamos viver na aldeia!

O António, o carpinteiro chefe, fez duas grandes rodas de pau, a pedido dos cozinheiros, para colocar os tachos e panelas, sobre a mesa principal. Os cozinheiros, que são ambos do Sporting, foram buscar tinta de óleo, e escreveram coisas laudatórias. Tem dado muito que falar tal pintura. O Periquito, que é do Benfica, já quis refilar, mas tem medo. Os cozinheiros são dois, de uma só paixão! Cautela, Periquito!

VEIO aqui agora mesmo uma comissão; era o Claudino de Gaia, o Zé do Porto, o Gastão de Lisboa e o Machado dos caminhos. Traziam o Chegadinho.

—Anda, fala. Fala tu que a gente fala depois.

O Chegadinho não falava—anda. Não tenhas medo, que a gente cá está para contar como foi!

O Machado era o speaker; o orador oficial da comissão. Mas o Chegadinho não tugia.

—Foi um vidro, disse eu, afeito como ando a esta sorte de desgraça!

Tinha sido, na verdade, um vidro da porta da cozinha. Nada para ensinar como a experiência. Nas casas a construir, vidraças de pau.

O Amandio, que fez a sua estreia de vendedor do Gaiato, trouxe sobras como ninguém. Quis saber o porquê e interroguei o Elvas.

—Olhe; ele tirava o boné da cabeça todas as vezes que oferecia o jornal ós senhores, e tornava a pô-lo. Os senhores ficavam contentes e davam. Ficamos os dois a conversar sobre esta e outras atitudes do Amandio. Todos sabem cá em casa, que o rapaz está à prova e todos se interessam por ele. O Elvas, muito atento ao que dizia e ao que secutava, continuou com as informações do companheiro e terminou assim:

—Ele está a dar boa conta de si.

ONTEM, na escola, houve séria trapaalhada. Foi o caso que o Oscar botou um olho abaixo ao Ernesto, com uma cana. O sangue era em brava. Vem os dois avenida acima pedir socorro ao Zé Maria, enfermeiro-mór. A Maria da Luz acode aos gritos dos dois rapazes. Era aquele que mais gritava:

—Ai! que eu matei o Ernesto, dizia o Oscar!

—Foi sem querer, dizia o morto; tu não tivestes culpa!

Depois de devidamente curado e ligado pelo samaritano da casa, recolheu ao leito, onde foi muitas vezes visitado pelo agressor.

São guerras santas São episódios amorosos. Estes que andavam escorraçados, fora da lei, dão hoje lições aos homens da lei. Assim eles as tomem e se arrependam!

O refeiteiro das senhoras veio a mim queixar-se de que lhe roubaram o pão: Já por duas vezes seguidas me roubam os dois pães. O pequenino à cautela, vai à porta com

intuito de tirar a chave, mas o ladrão, mais esperto do que ele, já o tinha feito. A notícia passou veloz aos mais refeiteiros e todos apostam em dar caça ao ratoneiro. No dia seguinte, novo alarme: tornaram os moletes das senhoras. Ora eu não se me dá nada dos moletes das senhoras. Elas que comam borça, que não são fidalgas nenhuma. O meu interesse, era mas é saber quem foi. Soube-se. O Amadeu Elvas descobriu gatuno e chave e tudo: figos, ameixas, guloseimas. O Gaspar, ao que se diz na aldeia, foi o instigador da chave: tira a chave, que a gente vai lá quando quiser. E assim era. Nessa noite, houve tribunal. Andam os réus a cumprir pena, sob os olhares dum chefe.

Aqui em casa, rouba-se. E' rara a noite em que não haja capitulo. A's vezes, aparecem dois e mais casos na mesma audiência. Junto ao dos moletes, correu o das escovas de dentes. A minha escova de dentes. Em dois dias roubaram-me duas escovas de dentes; e cada um tem a sua!

Lenços da mão, nem falar! Santinhos, canetas, tostões. A velocidade adquirida que cada um traz, leva-os muito longe. Depois,—param. Mas até que o façam e para que não regressem,—oh! que trabalhos! Estamos verdadeiramente a lidar com o rebotalho, sim senhor. A procedência de cada um é, em regra, escabrosa. Eles são a tragédia. Não há ninguém na terra que por dinheiro ou prémio, seja capaz de aturar este climas, a pontos de se aclimatar,—ninguém.

A Conferência dos Pobres no Porto

Os rapazes do nosso Lar do Porto continuam devotados com entusiasmo aos pobres que elegeram para seus protegidos na sua Conferência de S. Vicente de Paulo que reúne todos os Domingos, às 18 horas, e em que cada um não se limita a dizer «o meu pobre está na mesma», mas faz um relato do que viu e observou no tugúrio da família que está entregue ao seu zelo.

Há 20 dias caiu de cama um velhinha de 77 anos que fazia o comer para o irmão de 85 anos que acamou no Natal. Os nossos rapazes trataram dum e doutro. Levavam-lhes as refeições, congregaram o auxílio de duas vizinhas. O dr. Carlos Henriques diagnosticou: —velhice, miocardite, aortite... Os rapazes aviaram receita na farmácia e pagaram. A governante prestou todos os serviços de enfermagem várias vezes ao dia. O coadjutor da paróquia sacramentou. A nossa roupeira dispunha-se a passar as noites junto da nossa velhinha que lhe expirou nos braços antes que a primeira noite chegasse.

Os nossos rapazes deram as voltas para o enterro. Não deixaram o velhinho ficar sózinho em casa com o cadáver. Uns estiveram até à 1 hora e outros desde então até dealhar. Consolaram o simpático velho como puderam e souberam: deixa lá, Sr. João, que nós olhamos por si; não chore que ela foi pró Céu...

Pediram dispensa aos patrões e foram atendidos. Atraz do caixa a compostura de todos eles e o recolhimento de alguns, edificava e contrastava com o desrespeito que se observa nos acompanhamentos fúnebres, no Porto. Assistiram ao responso e de nada pagaram um tostão. E lá deixaram a nossa velhinha em campo rasa.

Parece-nos que se assim fizessem quantos nos cafés e esquinas exigem o óptimo e desprezam o bom, haveria no mundo menos injustiça e mais amor.

Ainda uma noite ficaram a cuidar do velhinho. Não houve quem os segurasse. E mais não ficaram porque conseguiram internar o Sr. João no Hospital de Santa Maria, sendo a condução feita pelos B. V. Portuenses com grande carinho.

Os rapazes tem agora a resolver a situação de duas velhas que agonizam numa casa-enxovia. O Licínio feriu-se nos espinhos daquele viver e deu-lhes, como sabes, o cobertor da sua cama. Se tu fores capaz de te ferir também, há-de contribuir, mensalmente, com o óbolo do teu amor para a Conferência de S. Vicente de Paulo dos Gaiatos (Rua D. João IV-682) e só assim as duas velhinhas terão casa pobre mas habitável.

Que irás tu responder?